

a crítica literária e divulgando assuntos históricos. Em 1883, triunfando brilhantemente num concurso para lente do Colégio Pedro II, foi nomeado professor catedrático daquele estabelecimento padrão. Já era, assim, aos 30 anos de idade, o grande erudito da História do Brasil, ultrapassando com largas vantagens os seus concorrentes e os próprios mestres que o examinavam. Dotado de inteligência robusta, armado de sólido preparo humanístico, investigador insatisfeito e ledor inveterado, soube abrir novos ramos aos estudos da Historiografia, da Corografia e da Etnografia, no que se tornou abalizado e insuperado. Foi, com efeito, o maior historiador brasileiro, intérprete arguto e crítico penetrante dos fatos de nossa formação histórica. Para completar convenientemente esses estudos, colocando-os em alicerces firmes, empreendeu a tradução de obras estrangeiras de comprovado valor científico, tais as de Wappaeus, A. W. Sellin, Emílio Goeldi, Steinen e Alfred Kirchoff. A par disso, manteve profusa correspondência com amigos e estudiosos brasileiros e europeus, pela qual se verifica o incontido desejo de chegar à imprescindível autenticidade dos documentos, para as devidas e incontestáveis asserções. Possuiu, como nenhum outro, na justa expressão de Tristão de Ataíde, “o faro do fato, o senso incomparável do concreto”. A sua obra é luminoso edifício, que se ergue dominante na ampla avenida da cultura americana. Opuenta a sua bibliografia, da qual se há de destacar: *O Descobrimento do Brasil*, 1929; *Capítulos de História Colonial*, 1934; *Caminhos Antigos e Povoamento do Brasil*, 1930; *Ensaio e Estudos* (crítica e história), 3 séries, 1931, 1932, 1938; *Correspondência*, 3 volumes. As suas notas e achegas à *História* de Frei Vicente do Salvador e à de Varnhagen constituem, no consenso geral, o ponto mais alto atingido pela crítica histórica no Brasil.

## 1º OCUPANTE

VÁLTER POMPEU de Sousa Magalhães. Foi o impaciente coordenador da reestruturação da Academia em 1930. Teve a idéia, e não parou um minuto no afã de realizá-la. Solicitava, pedia, insistia, querendo trazer bons elementos para a reno-

vação do Sodalício um tanto em hibernação. Para conseguir a adesão de Antônio Sales queimou todos os cartuchos, a fim de fazê-lo o comandante da nova cruzada. “Minha casa, então, no Alagadiço, ele a tomou de assalto certa manhã em que me apareceu acompanhado do grande e saudoso José Sombra. Foi, pois, com uma série de negativas de minha parte que ele conseguiu a minha aquiescência” — é do mesmo Sales. De sua parte testemunha Josafá Linhares: “Ele foi na última fase da reconstituição da Academia Cearense, o espírito coordenador que conseguiu congregiar os elementos que integram este ilustre grêmio de letras”. Muito impetuoso, polemista, valente no que queria, nunca desanimando na adversidade, lutou algo sem ordem e sofreu com isso. Chegou a sargento do Exército, porém largou as fitas e corajosamente entrou para a Escola Militar, como cadete. Mas, tomando parte da revolução de 5 de julho de 1922, no governo do Dr. Epitácio Pessoa, foi excluído das fileiras do mesmo Exército, à igual de quantos engrossaram o movimento rebelde. Voltou para o Ceará, viveu como pôde e em 1929 diplomava-se bacharel pela Faculdade de Direito do Ceará. “Em todos os momentos da vida acadêmica de 24 a 29 vamos encontrá-lo — fala Carlos de Oliveira Ramos. É um dos líderes mais acatados e ouvidos. Não pára nunca. Quando não está organizando uma agremiação, está fundando uma revista”. Com o advento da revolução de 1930, retornou à caserna como tenente e atingiu o posto de capitão, e outra vez se encontrou afastado, por força da reforma compulsória, em 1935. Participou, ao lado do governo, da rebelião constitucionalista de S. Paulo e foi preso pelos rebeldes, sofrendo nas prisões. Em liberdade, não se entibiu e encontrou na atividade de empregado do comércio, no Rio de Janeiro, o pão de todos os dias. Aos 36 anos de idade, fez a viagem sem volta, pois nasceu em 1º de outubro de 1901, em Fortaleza, e faleceu em 18 de abril de 1938. Publicou: *Ceará Colônia*, livro de quem desejava começar por onde geralmente se termina. Daí o não ter obtido o melhor êxito diante da crítica do seu texto. Carlos Stuardt Filho, na *Revista do Instituto do Ceará*, vol. 44, p. 208, o desseca contundentemente. Era filho de Alfredo Pompeu de Sousa Magalhães e Maria Cecília Pompeu de Sousa Magalhães.